ALIMENTOS, FIBRAS & ENERGÉTICOS

Uma janela para o futuro

Estudo especial denominado The World of Food and Fibre to 2020 chama atenção para trabalhos ligados a cenários e prospecções de futuro.

Luiz Antonio Pinazza

No VII Congresso do International Association Manager Agribusiness – Iama –, realizado este ano em Jacarta, Indonésia, o professor Peter Kenyon, do Institute for Research into International Competitiveness – Iric –, preparou um estudo especial denominado The World of Food and Fibre to 2020, chamando atenção para os trabalhos ligados a cenários e prospecções de futuro.

Para Kenyon, apesar de a construção de cenários ser uma tarefa de tentativas, o tempo despendido na pretensão de enxergar o futuro termina sendo sempre gratificante. Qualquer abordagem que possa suscitar a idéia de bola de cristal ou jogo de adivinhação deve ser sumariamente descartada. Ao contrário, já que as decisões de negócios são tomadas com base em expectativas futuras, é um exercício que se reveste da maior consistência.

Na verdade, existem dois desafios conflitantes que limitam a capacidade de predizer o futuro. O primeiro, muitas vezes contornável, está em encontrar os caminhos entre probabilidades e improbabilidades, por onde as ações de hoje poderão desdobrar-se. Trata-se da análise de risco de um fenômeno repetitivo, sujeito a leis de probabilidade. Exemplo disso são as adversidades climáticas em determinadas regiões e culturas. Outro são os agregados econômicos em ambientes ordenados e sistemáticos, na aplicação de tendências de renda, população, emprego, preços, juros etc.

O segundo desafio, bem mais complexo, consiste na probabilidade imprevisível de o futuro trazer eventos surpreendentes, sem similares, ainda que ligados a acontecimentos do passado. A questão da imprevisibilidade de acontecimentos como os choques dos preços do petróleo, a desagregação da União Soviética, o acelerado crescimento do Leste asiático, a unificação da Alemanha e os recentes *crash*es nas bolsas do México e Hong Kong emerge de uma retrospectiva dos últimos 25 anos.

Se é tamanha a incerteza, por que gastar energia para prever os próximos 25 anos? Mesmo que o resultado possa trazer alguma frustração, nada invalida os esforços de pesquisa, desenvolvimento de cenários e prospecção de futuro, um desafio que instiga permanentemente o homem.

As previsões vão além de um bom planejamento de cenário, onde se juntam conheci-

Quatro grandes tendências no agribusiness mundial

Avanços da biotecnologia

A taxa de progresso técnico da agricultura global no século XIX raramente excedeu 1% ao ano, mas agora o patamar é bem superior, de 1,5% a 2,5% nos países desenvolvidos. Particularmente, a partir dos anos 60, a produtividade deu um salto substancial, ficando conhecida como Revolução Verde, em decorrência da resposta em termos de produção proporcionada pelas novas variedades de arroz e trigo.

Desde então, o novo modelo de melhoramento das plantas passou a ter outro foco. Os esforços científicos dos melhoristas e das técnicas agrícolas voltaram-se para a produtividade, sempre com ênfase no desenvolvimento de programas de larga escala.

Nos dias atuais discutem-se os benefícios da biotecnologia, que utiliza organismos vivos para modificar um produto, no trabalho de melhoramento de plantas e animais, ou para desenvolver microorganismos visando a usos específicos. O uso desta técnica é secular em processos de fermentação, no controle de pestes e na vacinação da produção animal, entre outros .Os centros de ponta na pesquisa agropecuária acreditam que ela desencadeará a segunda Revolução Verde. De fato, com o moderno desenvolvimento da engenharia genética, o impacto potencial sobre a produtividade agrícola multiplicou, pois abrange uma gama de produtos além dos grãos (cereais e oleaginosas). Junto com o incremento da produtividade vem a liberação de recursos para outros setores, bem como uma sofisticação de produtos elaborados.

Acelerada liberalização comercial

A liberalização do comércio mundial tem evoluído a passos lentos nos últimos 30 anos. Não obstante, os países de modo geral estão demonstrando maior sensibilidade para abraçar essa política, ainda que em diferentes escalas. Em nível mundial, as negociações giram na órbita da Organização Mundial do Comércio (OMC), e regionalmente através de acordos envolvendo blocos de países (Nafta, Mercosul, Asean, UE etc.).

A Rodada Uruguai foi a oitava de uma série de negociações multilaterais sobre comércio conduzidas pelo Acordo Geral de Tarifa e Comércio (Gatt). Seu lançamento ocorreu em 1986 no balneário de Punta del Leste, no Uruguai. Em 1993, depois de sete anos de pesadas conversações, os negociadores produziram mais de 400 páginas de detalhados acordos comerciais, com um anexo de 22 mil páginas, onde os países signatários assumem uma série de compromissos.

No encontro ministerial de Marrakesh, de abril de 1994, o acordo da Rodada foi selado. Em termos históricos, tratou-se do maior e mais ambicioso acordo multilateral de comércio, que entrou em vigor a partir de 1 de janeiro de 1995.
Os assuntos cobertos pela Rodada Uruguai incluem novas áreas, tais como comércio de serviços, investimentos e direitos de propriedade intelectual, além dos temas tradicionais relacionados com agricultura, têxteis, vestuário e salvaguardas especiais. Pela primeira vez, os países em desenvolvimento tiveram uma participação importante nas negociações. (Maiores detalhes em *Agroanalysis* de setembro de 1997, p.11.)

Reação comercial antiliberal

É com séria preocupação que União Européia, EUA e Japão observam o crescimento das exportações dos países em desenvolvimento. A falta de perspectiva para reverter essa trajetória chega ao ponto da paranóia. A economia chinesa e as dos países do Leste asiático são as que mais assustam, porque seguem num

mentos sobre mudanças tecnológicas e outras informações. O ponto mais avançado está no aprimoramento da capacidade para aprender a criar o futuro. Uma vez captadas as tendências de estilos de vida, dos caminhos da tecnologia, dos fatores demográficos e geopolíticos, cabe introduzir criatividade para imaginar e recursos visuais e verbais para representar o futuro.

O Iric usa um modelo que combina pesquisas qualitativas e quantitativas para planejar a construção de cenários. O processo começa com uma ampla discussão e análise do futuro entre especialistas formadores de opinião e de negócios. Os principais diagnósticos e tendências desse encontro são a seguir submetidos ao modelo Megabare (Computable General Equilibrium – CGE – do Australian Bureau of Agricultural and Resource Economics), cujo papel é montar uma base de dados econômicos e demográficos que possibilitem simular o futuro.

O modelo não prevê eventuais descontinuidades e trabalha em cima de probabilidades para apurar inadequações e áreas onde se façam necessários reparos; as investigações são aplicadas nos resultados emitidos pelo Megabare, para colocar a pesquisa quantitativa sob o crivo da análise qualitativa nos níveis cognitivos de reação, intuição e emoção.

As fronteiras nacionais estão ficando cada vez mais irrelevantes nos negócios internacionais e na atividade comercial, em face do desenvolvimento de novas políticas de alianças e da globalização dos sistemas de comunicação. Da mesma forma, assiste-se a um rápido crescimento da população e as expectativas são de um desenvolvimento econômico acelerado. Para os tomadores de decisão no agribusiness, modelos do tipo Megabare são instrumentos para qualificar seus planejamentos estratégicos.

No caso da montagem de cenário para o sistema de alimentos, fibras e energéticos, o Iric reuniu um grupo multidisciplinar, com especialistas em agricultura, ecologia, comércio, agroindústria etc., que chegaram ao consenso, dentro da visão global de um horizonte que se estende até 2020, de que existirão quatro grandes tendências importantes (veja o box).

Por trás de todo este trabalho, está o estímulo para pensar, criar e inovar a partir de um modelo mental que capte a percepção do mundo real. Para tanto, outros fatores devem ser introduzidos, levantando questionamentos sobre os efeitos:

- do desenvolvimento da tecnologia de comunicação;
- de um aumento dos preços dos combustíveis fósseis que chegue a comprometer o crescimento de curto prazo;
- da crescente preocupação ambiental em torno do uso dos combustíveis fósseis;
- da substituição dos veículos automotores como principal meio de transporte de massa;
- do aumento de renda dos países em desenvolvimento sobre a demanda;
- sobre a política e a cultura provocadas pelas mudanças;
- sobre a democracia enquanto modelo de transição.

Estes questionamentos, bem como as grandes tendências consideradas, interagem em vias complexas. Nada atua de maneira isolada. Os modelos básicos sofrem a restrição da análise comparativa estática ou dinâmica, onde apenas alguns fatores sofrem variações enquanto os demais permanecem constantes. No mundo, isso não ocorre. Mas se o modelo mental levantar perguntas corretas, que iluminem a pesquisa na busca de respostas possíveis dentro de um caminho de lógica e coerência, a distância entre o futuro simulado e o real poderá encurtar.

Gerente de Negócios da Agroceres e diretor do Instituto de Estudos do Agribusiness, da Abag.

E-mail pinazza@agroceres.com.br

ímpeto de incremento que suplanta o da década anterior. Nessa visão ameaçadora, as recaídas podem acontecer, com a voz do protecionismo ganhando eco, notadamente na agricultura.

A probabilidade de reverter o processo de liberalização do comércio mundial é uma hipótese que merece particular acompanhamento. Se as relações econômicas dos países centrais azedarem, as decisões convergirão rapidamente para o protecionismo, o bilateralismo e o regionalismo. A onda neoprotecionista chegou principalmente aos países onde a abertura comercial coloca a indústria em xeque-mate, num quadro interno que combina fraco crescimento econômico e desemprego. Existem sinais evidentes de fricções nas negociações entre os países desenvolvidos, abrindo uma brecha para a implementação de novas e mais perigosas formas de restrições comerciais. Os argumentos que dão suporte ao sistema comercial liberal norte-americano estão perdendo força, abrindo caminho para o unilateralismo agressivo. Já as barreiras institucionais japonesas contra as importações do resto do mundo, não obstante o sucesso com que o país atinge suas metas de exportação, suscitam discordâncias de todos os lados. Além de tudo, o resistente protecionismo agrícola e industrial da UE tensiona ainda mais a prática comercial. Até quando os países desenvolvidos conseguirão administrar com coerência o discurso dos benefícios proporcionados pelo sistema multilateral de livre comércio, tendo em vista que na prática estão rotineiramente violando os seus princípios e deslizando para o protecionismo?

O efeito estufa

O gradual aquecimento da atmosfera terrestre devido à atividade radioativa de gases como dióxido de carbono e metano ocorre como resultado de um processo conhecido como força radioativa, onde a radiação do sol é absorvida e refletida pela atmosfera. É uma necessidade indispensável para a existência de vida no planeta, caso contrário a temperatura seria pelo menos 30 graus Celsius mais fria.

Com a crescente emissão de gases provocada pelas diversas atividades do homem, a preocupação em torno das conseqüências do efeito estufa é mais do que justificável. Cerca de 65% da emissão, segundo dados de 1995 da OCDE, são de dióxido de carbono oriundo da queima dos combustíveis fósseis empregados para geração de energia e transporte.

Algumas das principais conseqüências do aumento do efeito estufa:

- Incremento de 0,3 graus Celsius na temperatura durante a década de 90. Em 2025 e 2100, as temperaturas subiriam, respectivamente, em 1 e 3 graus. Caso isso ocorra, o impacto será direto sobre a produção agrícola e nos custos da adoção de medidas para combater eventos climáticos extremos.
- Crescimento do nível do mar em torno de 6 cm por década, como resultado da expansão térmica dos oceanos e do derretimento de geleiras. Em 2030 e 2100, a superfície do mar estaria, respectivamente, 20 e 65 cm mais alta. Nessa situação, cerca de 10% de toda a orizicultura do Sul, Sudeste e Leste da Ásia ficarão invariavelmente comprometidos.
- Queda nas precipitações e menor disponibilidade de água nos lençóis freáticos, com comprometimento da produtividade agrícola e risco de maior salinidade.
- Impacto imprevisível e substancial na biodiversidade.
- Maior densidade de dióxido de carbono, acarretando: plantas mais altas devido ao aumento da taxa de fotossíntese, crescimento mais rápido de biomassa e sistema radicular mais desenvolvido, o que melhora a utilização da água pelas culturas e amplia a cobertura vegetal.

Embora paire enorme incerteza quanto à amplitude e à intensidade do efeito estufa, ainda não está precisamente claro o que constitui, de fato, uma política responsável para amenizar esse quadro. Na Conferência do Rio de Janeiro, de 1992, os países da OCDE e alguns do Leste europeu assumiram o compromisso de adotar medidas para estabilizar a emissão de gases no nível de 1990 para o ano 2000. Mas será isso suficiente?